

O Cajueiro da Praça

Eduardo Fontes

– Bom dia,
meu cajueiro da praça!

Gosto de ver-te,
assim solitário,
com raízes fincadas
na saudade!

Cajueiro de minha infância,
comovidamente amigo
das crianças!

Oferecias a sorrir
um galho
à escalada dos sonhos!

Maturis pendiam
dos teus ramos,
e displicentemente
maturávamos o amanhã
entre sorrisos inocentes!

Hoje passo por ti
na mesma praça!
Estás mais distante das mãos
que te alcançavam!

Já não ouves,
talvez só na saudade,
a algazarra dos meninos de farda!

Fugiram todos,
e eu fiquei sozinho!

Onde os pássaros
na varanda dos teus galhos?
Os de minha alma calaram
ou foram fazer ninhos
nas ermidas solitárias!

Meu irmão me disse adeus,
minha irmã virou estrela –
os matoris não vingaram!

Meu cajueiro da praça,
tens uma marca, como uma chaga,
no lugar do galho
de acesso fácil!

Mas, ainda agora,
testemunhas os meus passos,
e à minha passagem, ouço tua voz
saída de tua folhagem:

– Sobe, amigo, vem visitar-me!
Aqui estou, como ontem estava ...
A voz se cala, e eu respondo, então:
– É tarde, meu cajueiro da praça,
já não sou o menino do passado!